

ESPAÇO E TEMPO NA FORMAÇÃO URBANA DE PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

*Josuan Ávila da Conceição¹
Magnólia dos Santos Carvalho²
Shana Monte Pereira Ramos³
Sidney Gonçalves Vieira⁴*

Resumo: Pelotas está localizada no extremo-sul com 346.513 habitantes, sendo 93% destes vivendo na zona urbana, ao sul do município. As principais atividades econômicas são o comércio e o turismo, com considerável participação do Setor Primário, com a produção de arroz nas áreas baixas do município. Observa-se a evasão do setor industrial no município, com sua decadência a partir dos anos 1950, devido a situações conjunturais locais, nacionais e internacionais. Como potencialidades, menciona-se a silvicultura; o pólo educacional; o turismo rural e os passeios hídricos. A cidade de Pelotas origina-se na construção do Rio Grande do Sul desde o século XVIII, por portugueses e espanhóis, nas rivalidades destes por territórios e na anexação das fronteiras através de tratados, incluindo a criação de fortes militares, de núcleos de povoação e de sesmarias. Neste contexto, surge em 1758 o “Rincão das Pelotas”, onde haverá a instalação espacial de Pelotas. É dividido em sete sesmarias, tendo a cidade se instalado na sesmaria do Monte Bonito. A partir de 1780, inicia-se o ciclo do charque, cujo pioneiro foi José Pinto Martins, que instala uma charqueada às margens do Arroio Pelotas. Há a organização espacial de Pelotas. Em 1815, há a criação da Freguesia de São Francisco de Paula, elevada à categoria de Vila em 1830 e, em 1835, à de cidade. As atividades das charqueadas prosperam em Pelotas, durando até inícios do século XX, quando ocorre sua decadência e ascensão de novos empreendimentos econômicos, com novas transformações que persistem até os dias atuais.

Palavras-Chave: Pelotas. Formação Territorial. Geografia Histórica. Organização Espacial. Transformação das Atividades Urbanas.

O presente capítulo enfocará a formação urbana e territorial da cidade sul-rio-grandense de Pelotas, partindo-se de um resgate geográfico e histórico sobre os elementos físicos e sociais que edificam este núcleo urbano. Objetiva-se uma análise crítica, pesquisando-se em autores que se dedicam ao assunto - da Geografia e da História -, a respeito dos processos espaço-temporais que levam por configurar a estruturação atual desta cidade, em que construções sociais de diferentes temporalidades demonstram o seu passado, que permitem a interpretação de seu presente e a construção virtual de seu futuro.

Este trabalho consiste, no seu desenvolvimento, em três partes principais: na primeira delas, apresentar-se-á, em linhas gerais, os aspectos da cidade de Pelotas, em como se mostra hoje com relação aos aspectos naturais que estão configuradas, tais como a geomorfologia do sítio

¹ Acadêmico concluinte do curso de Licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: jadconceicao@yahoo.com.br

² Professora de Geografia. Acadêmica de pós-graduação, Especialização em Geografia, pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: prof.magnolia@hotmail.com

³ Professora de Geografia. Acadêmica de pós-graduação, Especialização em Geografia, pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: anahs-28@hotmail.com

⁴ Professor doutor, orientador do artigo. Docente adjunto do curso de Licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: sid_geo@hotmail.com

urbano (assim como a do município como um todo) e o clima predominante, a organização espacial da cidade em bairros, entre outras informações. Neste tópico demonstra-se, também, aos leitores a localização territorial da cidade de Pelotas em relação ao Estado do Rio Grande do Sul e ao Brasil.

No segundo momento, um resgate histórico-geográfico é utilizado para elencar os acontecimentos principais que levam à formação da cidade de Pelotas, relacionando as disputas territoriais da região do "Rio da Prata" entre as sociedades ibéricas - portuguesas e espanholas, e os constantes deslocamentos destes, ora para a busca de gado bovino para extração do couro, ora para a formação de pequenos povoados (como a Colônia do Sacramento em 1680) e de fortes militares para a ocupação do espaço. Com a estruturação inicial do núcleo urbano, analisa-se os seus processos de evolução espacial, através do progresso e riqueza trazidos pelo ciclo do charque, desenvolvido a partir de 1780 por José Pinto Martins às margens do Arroio Pelotas.

Os contínuos processos de transformação sócio-econômica fazem com que a dinâmica espacial em Pelotas também passe por alterações, com o fim dos núcleos charqueadores e o advento de novas empresas econômicas que modificam a estrutura produtiva na cidade, que continua a se modificar no decorrer dos anos. A partir dos anos 1950, outras transformações consolidam a economia pelotense, com o advento do Setor Terciário, sobretudo no comércio urbano.

Por fim, destacamos novamente a cidade de Pelotas na atualidade, desta vez enfocando os aspectos de sua economia, no que tange às suas peculiaridades, principais deficiências e potencialidades para o futuro em seu desenvolvimento econômico. Em suas dificuldades, encontra-se a falta de empreendimentos industriais na cidade e no município como um todo, anteriormente bem estruturada, mas que sofreu processo de decadência a partir dos anos 1950, tanto por motivos de escala local, quanto de escala nacional e internacional. Quanto às suas potencialidades, destacamos o pólo educacional da cidade, com seus institutos técnicos e de ensino superior que, todos os anos, formam um grande contingente de pessoas especializadas em várias áreas, oriundos tanto de Pelotas, quanto de várias cidades do estado gaúcho e de outros estados brasileiros.

Além de sua vocação educacional, outras atividades vem se despontando em Pelotas, como a silvicultura, desenvolvida pelo Grupo Votorantim em seus projetos de plantações monocultoras de eucaliptos em vários municípios da "Zona Sul" do Rio Grande do Sul e de indústria de papel e celulose, em local a ser definido entre Rio Grande e Arroio Grande. Em meio a polêmicas que lhe envolvem, na discussão quanto aos seus impactos positivos e/ou negativos no ambiente e na sociedade, a silvicultura é uma realidade cada vez mais crescente em Pelotas, estando participante em projetos, inclusive culturais, como a sua participação em investimentos na Feira do Livro e em projetos de pesquisa universitários.

Também dá-se destaque ao "turismo rural", enquanto importante atividade econômica para ser investida em Pelotas, com atrativos tanto naturais, como cachoeiras e trilhas ecológicas em meio às natas nativas na zona colonial do município, quanto organizações sociais, baseadas na família e na pequena propriedade, como os estabelecimentos vitivinicultores, pousadas, restaurantes, café colonial, campings e caminhos de produção, além do Museu Etnográfico da Colônia Maciel, que trata da história da colonização italiana em Pelotas. Os passeios hídricos no Canal de São Gonçalo e no Arroio Pelotas, demonstrando a formação biogeográfica e geomorfológica às suas margens e as construções humanas, destacando-se as charqueadas construídas e ainda preservadas.

Para a construção deste trabalho, alguns objetivos fizeram-se necessários para o seu pleno desenvolvimento. Os principais estão assim descritos:

1. Relacionar o processo de formação urbana da cidade de Pelotas com os acontecimentos de disputa de território entre as coroas ibéricas.
2. Identificar agentes responsáveis pelos processos históricos e as conseqüências espaciais de suas ações.
3. Demonstrar os processos históricos e geográficos que contribuíram para a formação urbana de Pelotas, em suas características espaciais.
4. Apontar os aspectos da cidade na atualidade, com relação às suas dificuldades e potencialidades.

Em relação aos procedimentos metodológicos, foi feita uma revisão bibliográfica sobre a abordagem dos processos históricos de formação territorial na região do Prata, relacionando este

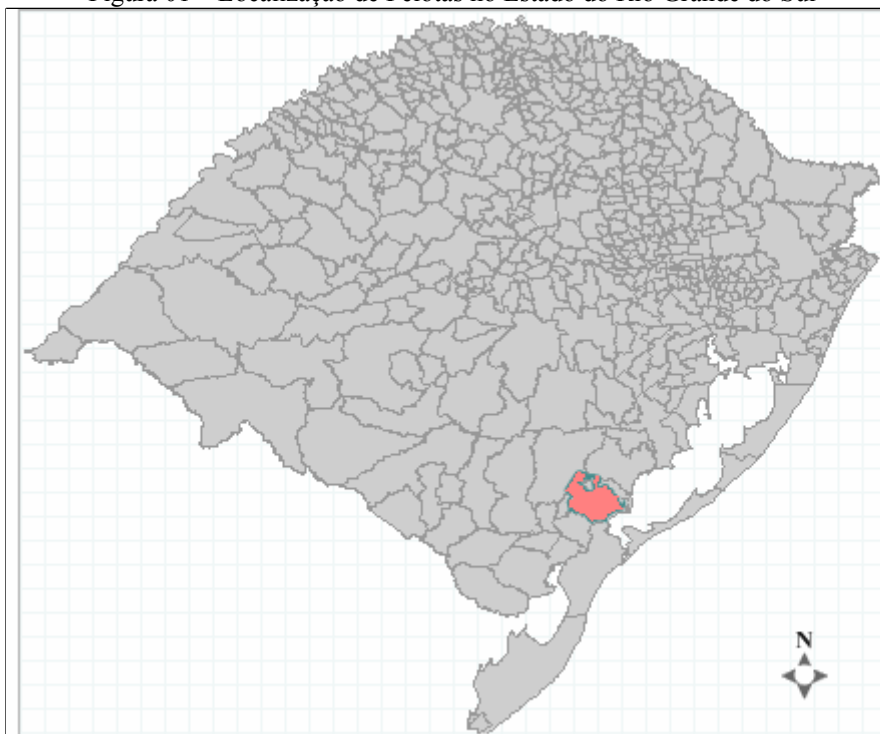
contexto com a configuração urbana de Pelotas. Os autores pesquisados são ARRIADA (1994), VIEIRA (2005), MAGALHÃES (1993, 1994 e 2002) e ROSA (1985).

Muitos dados foram levantados em fontes primárias e relatos de entrevistados. Aliado a isso, se lança mão de dados e informações pertinentes à atual situação espacial da cidade quanto as suas dificuldades e potencialidades, valendo-se também do uso de informações de páginas WEB, em sites de enfoque turístico retratando o município de Pelotas em suas particularidades. Fontes diretamente coletadas de institutos oficiais também foram analisados e utilizados.

A Cidade de Pelotas na atualidade

Localizada no Extremo Meridional do Brasil, Pelotas é uma das atuais 496 cidades que formam o estado do Rio Grande do Sul, estando em sua porção sul. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2007), o município conta com 339.934 mil habitantes, sendo que 92% destes vivem na zona urbana, cujo sítio está situado no distrito-sede, localizado no sul do município, com uma área total de, aproximadamente, 35km². Em suas coordenadas geográficas, Pelotas localiza-se nas medições 31°46'19" Latitude Sul e 52°20'33" Longitude Oeste. Devido à sua posição latitudinal, Pelotas está na Zona Climática Temperada do Sul e tem um clima subtropical úmido, devido à sua grande proximidade com a Laguna dos Patos e com o Oceano Atlântico.

Figura 01 – Localização de Pelotas no Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: FEE-RS (2008)

Em sua população, a maioria é do sexo feminino (aproximadamente 53% do total registrado), estando em faixa etária “adulta” – entre 20 e 59 anos, de acordo com metodologia trabalhada pelo IBGE. A maioria dos pelotenses declara-se de cor “branca”, constituindo cerca de 80% da população, seguindo por aqueles de pele negra e parda, em número bastante inferior.

A área total do município pelotense é de 1609km², tendo os seguintes limites: municípios Turuçu e São Lourenço do Sul e Canguçu, ao norte; município de Rio Grande, ao sul; Laguna dos Patos, a leste; e Morro Redondo, Capão do Leão e Pedro Osório, a oeste. Uma característica peculiar da formação territorial de Pelotas é apresentar, em seu interior, o município de Arroio do Padre, ex-distrito pelotense emancipado em 1997, sendo uma “ilha” dentro do município de Pelotas, pelo fato de que toda a sua delimitação territorial ser abrangida pela pelotense.

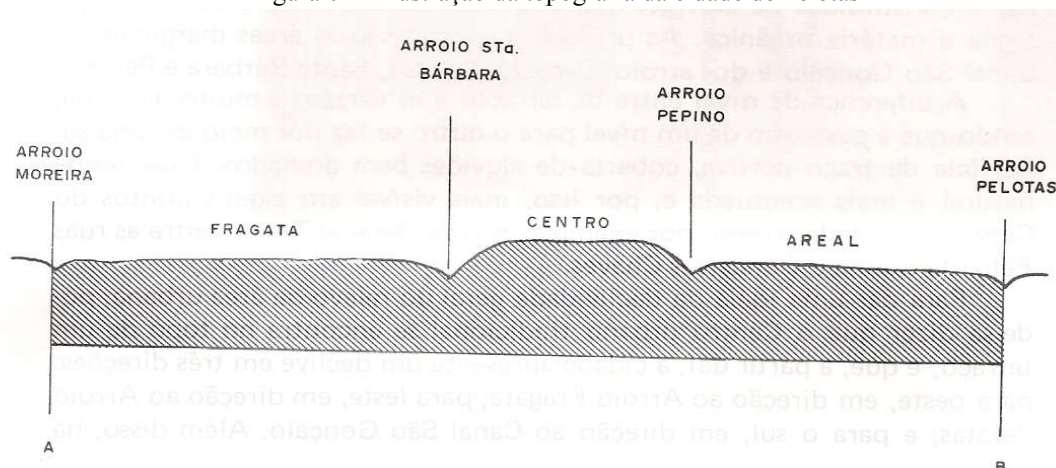
Em sua extensão territorial, duas paisagens geológicas e geomorfológicas distintas a

configuram: na área sudeste e leste há a formação quaternária da Planície Costeira, de estrutura sedimentar e depósitos aluviais, caracterizando-se genericamente por terrenos planos (as "várzeas", próximas dos cursos d'água do local) e por pequenas barreiras naturais (os "terraços", oriundos das transgressões e regressões do nível do mar sobre a região). O nível do mar desta porção não ultrapassa os dez metros. Nas áreas oeste e noroeste, constata-se o Escudo Sul-Rio-Grandense, também denominado de "Serra dos Tapes". De formação pré-cambriana, consiste basicamente de rochas tipo granítico, com pequena elevação ao nível do mar, com cerca de duzentos a trezentos metros, raramente superando os quatrocentos metros, em alguns pontos isolados, mas completamente superior às áreas da Planície Costeira, que chega ao máximo de sete metros de altitude, em relação ao nível do mar. Por esta situação geográfica, o município de Pelotas encontra-se em situação denominada de "Encosta do Sudeste".

Assim, em se tratando de seu sítio urbano, a cidade de Pelotas localiza-se totalmente na Planície Costeira, estando o seu centro principal construído sobre uma das barreiras naturais formadas. Esta parte elevada é delimitada por importantes cursos d'água da localidade: o Canal Santa Bárbara, a oeste; o Canal de São Gonçalo, ao sul; e o Canal do Pepino, a leste. A partir dos declives desta "parte alta" da cidade, dirige-se aos principais bairros da cidade, sendo o Fragata a oeste e o Areal a leste, que também estão instaladas em áreas de terraços. Este bairro limita-se, ao leste, pelo arroio Pelotas, a partir do qual se inicia o bairro do Laranjal e balneários. Também há o bairro das Três Vendas, constituída na porção norte. Mais ao sul e sudeste, às margens do Canal São Gonçalo e nas áreas mais baixas, ficam a "Zona do Porto" e o bairro do "Navegantes", áreas socialmente carentes, sujeitas à inundações do canal quando em épocas de chuvas intensas.

Conforme evidência na figura abaixo, elaborada por ROSA (1985) percebe-se que a topografia da cidade de Pelotas é cercada por cursos d'água, sendo a primeira ocupação espacial, na área do Centro da cidade, está situada entre o Arroio Santa Bárbara e o Arroio Pelotas, estando o Arroio (Canal) do Pepino o atual delimitador a leste deste bairro. Conforme nesta mesma ilustração, o Centro foi constituído em uma zona elevada, em um dos terraços formados pela ação de transgressão e regressão do mar no período Quaternário, delimitada pelos cursos d'água a leste, oeste e sul (Canal de São Gonçalo).

Figura 02 – Ilustração da topografia da cidade de Pelotas



Fonte: ROSA (1985)

Formação espaço-temporal da Cidade de Pelotas

A formação urbana e territorial de Pelotas tem sua gênese na construção espacial do Rio Grande do Sul no decorrer dos séculos XVII e XVIII, os portugueses detinham a posse espacial do sul do Brasil, mas estava em conflito com os espanhóis pela demarcação de suas fronteiras.

A descoberta do novo continente em 1492 pelos espanhóis e a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500 fez com que Portugal e Espanha na expectativa de explorar o novo continente assinassem o Tratado de Tordesilhas dividindo o continente em duas partes, Portugal ficava com o que hoje é o Brasil, mas o Rio Grande do Sul pertenceria a Espanha. A partir desta divisão Portugal e Espanha desenvolveram ações para a conquista e posse do território sul americano; com a

expansão portuguesa para o interior do continente na busca de minérios e captura dos índios, como mão-de-obra escrava, chegaram até a foz do rio da Prata, descobrindo que tal espaço geográfico que é o Rio Grande do Sul seria de extrema importância no âmbito geopolítico português.

Existia o contrabando de mercadoria, minérios e gado, através do rio da Prata e Portugal tinha interesse de participar deste movimento e também obter lucros com o mesmo. Para isso, era importante ter o controle do estuário do rio da Prata, expandindo suas fronteiras até este ponto.

Para demarcar espaço em 1680 os portugueses fundam a Colônia do Sacramento, buscando participar do comércio da prata com Buenos Aires. Eles fortificam o comércio, utilizando também produtos de couro extraídos do gado que vivia solto nesta região.

Em 1640 os jesuítas espanhóis instalaram-se no território gaúcho, fugindo das perseguições sofridas, nas missões construídas no vizinho país Paraguai, pelos bandeirantes vindos de São Paulo, criava nas reduções rebanhos de gado bovino, equino e muar e quando conseguiram voltar ao Paraguai, com o fim das perseguições, levaram os índios, mas deixaram o gado xucro que se reproduziram no território de maneira estrondosa, ficando conhecida esta reserva de gado xucro como “Vacaria del Mar”. Portugal então descobre uma fonte de riqueza através da exploração do gado.

Os jesuítas retornam ao Rio Grande do Sul em 1682 criando os Sete Povos onde estabeleceram estâncias para a criação de gado, com a separação do gado criaram a chamada Vacaria dos Pinhais, mas com seu desenvolvimento econômico os jesuítas passam a ameaçar a coroa Portuguesa que os expulsam em 1759.

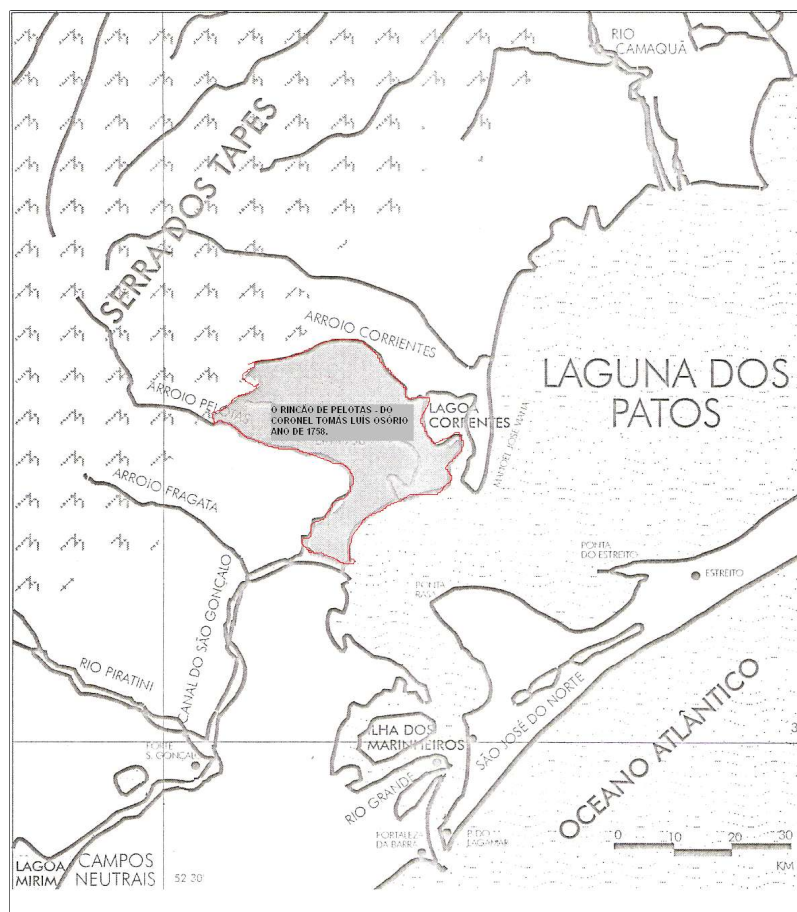
Querendo tomar posse deste gado xucro e participar do contrabando da prata no sul do continente Portugal busca efetivamente ocupar o território, a Colônia do Sacramento foi ocupada diversas vezes pelos espanhóis, não sendo então um lugar seguro, foi assim que em 1737, José da Silva Paes, fundou o presidio e a Povoação do Rio Grande de São Pedro, com a chegada dos militares é que se dará a ocupação efetiva dos portugueses ao extremo sul do Brasil. A implantação do povoado possibilitou a chegada de casais da ilha dos Açores e Madeira que receberam lotes de terras para ajudar a desenvolver e povoar a região.

Portugal e Espanha na busca incessante em expandir seus domínios, assinam em 1750, o Tratado de Madri, transferindo a colônia do Sacramento para o domínio espanhol em troca dos Sete Povos, que passam ao domínio português. Com a morte de Fernando VI da Espanha há uma transformação na política espanhola e então em 1761 Portugal e Espanha assinam um novo tratado, o Tratado de El Pardo em 1761, que anula o Tratado de Madri e reinicia as batalhas entre os países ibéricos na busca da ocupação e domínio do sul do continente. Então, em 1777, com a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso é que de fato o Rio Grande do Sul com os limites que conhecemos hoje se torna posse de Portugal, definitivamente estabelecida a partir do século XIX, com o Tratado de Badajós.

O limite do sul do continente demarcado vai propiciar o início de novas povoações, a distribuição de novas sesmarias ajuda a efetivar a povoação portuguesa no Rio Grande do Sul.

Pelotas desenvolve-se a partir da implantação das charqueadas. Em 1777, chega à região o português José Pinto Martins, fugindo da seca que assolava o Ceará e aqui estabelece seus negócios, montando uma primitiva charqueada às margens do Arroio Pelotas três anos depois. Pelotas também serve de refúgio para as pessoas que fugiam da ocupação espanhola na cidade de Rio Grande, ajudando também no desenvolvimento do município. Com o sucesso do empreendimento saladeiril de Pinto Martins, irão surgir, ao longo do Canal de São Gonçalo, Arroios Pelotas e Santa Bárbara, outros núcleos charqueadores, ficando conhecida a região como Rincão das Pelotas.

O território onde hoje se encontra a cidade de Pelotas teve sua ocupação inicialmente assinalada pela outorga de carta de sesmaria ao Coronel Thomaz Luiz Osório, feita pelo governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, em 1758, denominado de “Rincão das Pelotas”. Estas terras apareceram assinaladas em mapas em 1777, onde se verificaram os limites deste rincão como sendo desde a Serra dos Tapes até a Laguna dos Patos, limitando-se a sudoeste pelo Sangradouro da Mirim, Canal de São Gonçalo, até o Arroio Corrientes, ao norte.

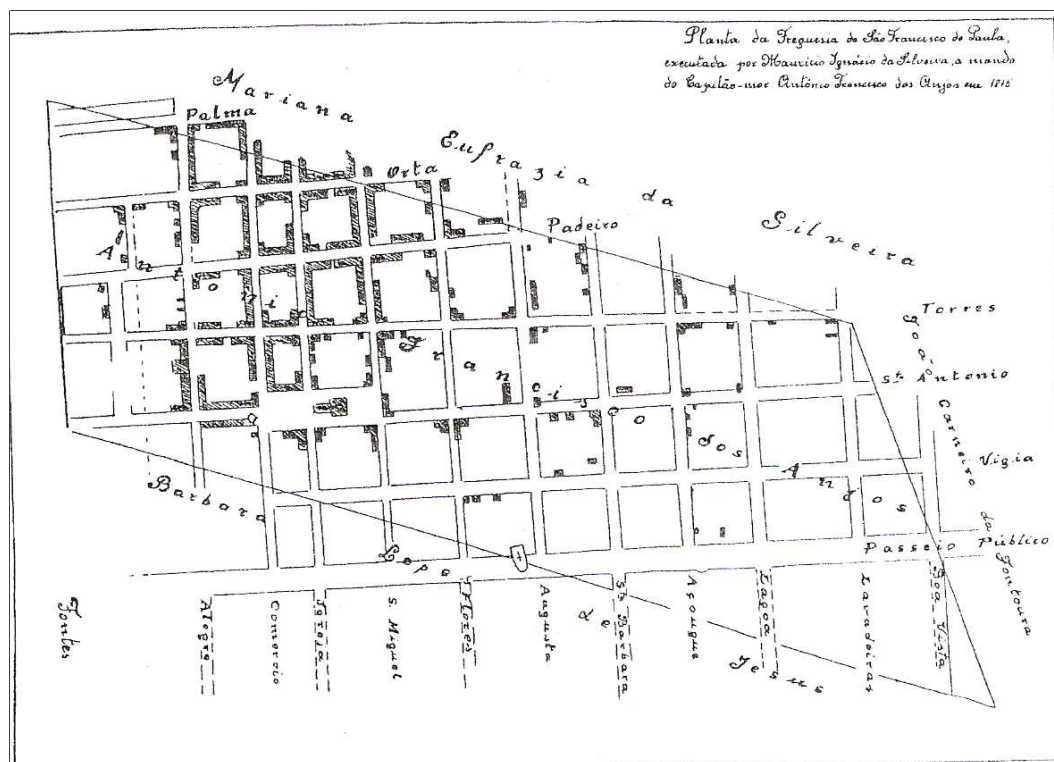


Este “Rincão das Pelotas” é dividido, posteriormente, em sete sesmarias, a saber: Feitoria, Pelotas, Santa Bárbara, São Thomé, Pavão, Santana e Monte Bonito. Esta última sesmaria, a do Monte Bonito, é onde se instala o núcleo populacional que dá origem a cidade de Pelotas. A localização desta era situada entre os Arroios Pelotas (a leste) e Santa Bárbara (a oeste), entre o Canal de São Gonçalo (ao sul) e a Serra dos Tapes (ao norte), exatamente onde dá-se a organização inicial do núcleo urbano pelotense, considerado um lugar apropriado para a instalação dos moradores, estando mais afastados do funcionamento das charqueadas (devido aos problemas ambientais existentes, como o mau cheiro) e da circulação dos bois, em uma parte elevada, o conhecido terraço localizado no centro da cidade.

A fundação da Freguesia de São Francisco de Paula, primeira organização do espaço urbano pelotense, data de 1812, tendo autonomia religiosa em relação à Vila do Rio Grande. Aqui já estavam instaladas algumas indústrias saladeiras, fato importante na evolução da cidade de Pelotas, mas para a fundação de uma freguesia pressupunha a existência de um aglomerado populacional suficientemente desenvolvido. Não significando o surgimento de uma unidade administrativa, que só era anunciado pela elevação a vila. “Freguesia era um título de autonomia religiosa, pelo qual o povoado passava a dispor de uma igreja paroquial própria”. (MAGALHÃES, 1993). Pelotas atinge esta condição em 1812 desligando-se da matriz de São Pedro, mas continua dependente, como povoado, da sua vila e câmara, permanecendo um distrito de Rio Grande.

O primeiro sítio de Pelotas é sobre um terreno que pertenceu a Antônio Francisco dos Anjos que demarcou quarteirões em forma de tabuleiro, herança da organização urbana de Portugal, constituindo-se em 19 ruas, 12 longitudinais e 7 transversais, no sentido norte-sul, entre a Avenida Bento Gonçalves e a rua General Neto, no sentido leste-oeste entre as ruas barroso e Marcílio Dias. Já o segundo lote será construído nas terras de Dona Mariana Eufrásia da Silveira, vizinhas ao lote de Antônio dos Anjos, que concede o mesmo em 1830, já em direção ao sul, aproximando-se do Canal de São Gonçalo.

Figura 04 – Mapa da Freguesia de São Francisco de Paula em 1815



Fonte: ARRIADA (1994)

Para Pelotas as charqueadas tiveram papel crucial no desenvolvimento e na urbanização. Marcando também profundamente a formação sócio-econômica do Rio Grande do Sul no início do século XIX. Com a indústria saladeiril voltada para o mercado consumidor Pelotas teve sua economia e desenvolvimento atrelado a está evolução.

Com toda a riqueza acumulada pelos charqueadores surge em Pelotas uma elite, uma aristocracia que era proprietária de imensos latifúndios e com a farta distribuição de matéria prima, o gado só poderia acumular e gerar riquezas. “Mas a charqueada não trouxe apenas riqueza, mas também o adensamento populacional de Pelotas, pois cada grande estabelecimento contava, pelo menos mais de cem pessoas”. (ARRIADA, 1994).

O crescimento populacional de Pelotas, desde sua fundação, é gradativo, conforme tabela abaixo:

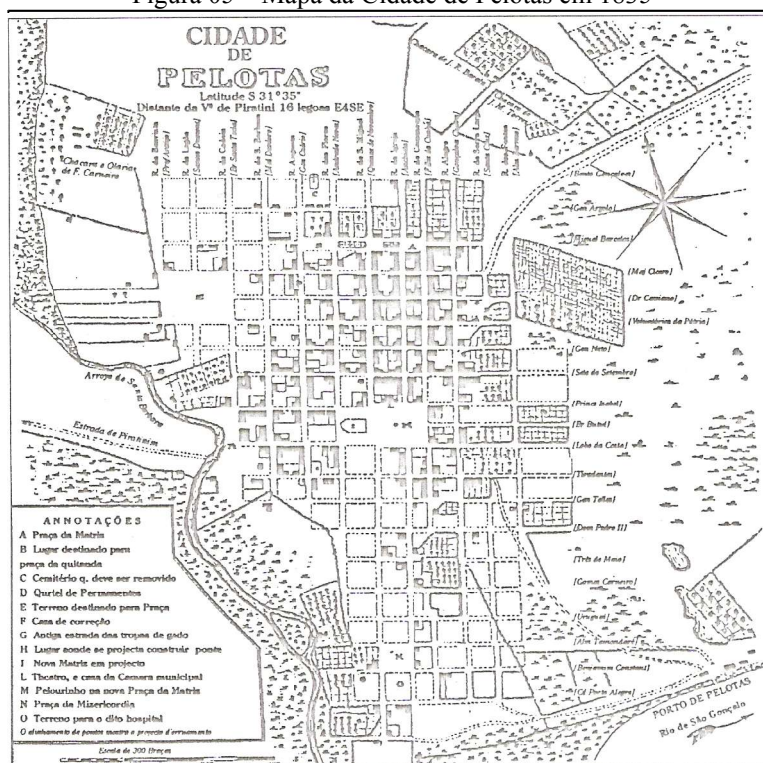
Tabela 01 – Evolução da População de Pelotas (1811 - 1890)

Ano	Nº. Habitantes	Casas/ Zona urbana
1811	2419	-
1814	2419	-
1820	3200	Mais de 1000
1822	3400	1700
1830	4300	3000
1832	8444	3800
1833	10873	4707
1835	12425	5467
1846	11244	5229
1858	10757	7000
1859	12893	11401
1860	13537	8838
1863	13846	9000
1865	15384	10000
1872	21258	18666
1890	41591	-

Fonte: ARRIADA (1994)

Com a elevação à categoria de cidade em 1835 e recebendo o nome de Pelotas, ocorre a partir da riqueza gerada pela indústria saladeiril uma evolução urbana, a ligação comercial de Pelotas com os grandes centros do país e do exterior e a importação e exportação de mercadorias vem fomentar a instalação de outras indústrias como curtumes, fábricas de velas, sabões e adubos utilizando os resíduos da indústria da carne. A intensificação industrial ocasiona-se quando o ciclo charqueador entra em forte declínio, vindo a se extinguir completamente na década de 1940.

Figura 05 – Mapa da Cidade de Pelotas em 1835



Fonte: GUTIERREZ (1993)

A produção na charqueada em Pelotas sempre foi pautada em severas contradições. Desenvolvida através da desumanidade do trabalho escravo, o charque proporcionou a formação de uma elite aristocrática riquíssima e opulenta, desfrutando de todas as benesses econômicas que esta carne bovina proporcionava. A vida cultural da cidade é muito intensa, os contatos mantidos com a capital do país e com a Europa, conferiram à população pelotense um destacado padrão literário e artístico.

Muitos destes charqueadores tinham títulos nobliárquicos, sendo alguns destes com renome inclusive no cenário nacional, tendo atuação destacada neste âmbito. Dentre os principais charqueadores, estão o Barão de Azevedo Machado, Barão de São Luís, Barão de Três Cerros (estes dois últimos pertencentes à famigerada Família Antunes Maciel), Barão da Conceição, Barão de Santa Tecla, Barão de Jarau, Barão de Sobral, Barão de Butuí, Barão de Corrientes, Visconde de Jaguaré e Visconde da Graça, além de alguns nomes que, hoje, dão nomes a algumas dos principais logradouros da cidade, como Domingos José de Almeida (que batiza a principal avenida do bairro Areal) e Antônio José Gonçalves Chaves (uma das ruas longitudinais do Centro).

Ainda neste contexto, dá-se a construções de importantes edifícios que incrementam a riqueza cultural dos habitantes mais abastados, fazendo parte do patrimônio cultural da cidade e tornando-a famosa a nível estadual e nacional. O Teatro Sete de Abril, um dos mais antigos do Brasil nesta arte é inaugurado em 1834, estando em bom funcionamento até hoje, localizado na Praça Coronel Pedro Osório, "ao lado" dos antigos casarões dos charqueadores. A Biblioteca Pública Municipal em 1875 o Hospital Santa Casa de Misericórdia de Pelotas em 1847 e o desenvolvimento de instituições de ensino e clubes sociais, ajudam no desenvolvimento da cidade.

Além destes, os casarões ao redor da Praça Coronel Pedro Osório, nos quais residiam os charqueadores e suas respectivas famílias, são uma conhecidíssima atração cultural, tendo atualmente outras funcionalidades (sempre voltadas à questão cultural em Pelotas, como o local da Secretaria Municipal de Cultura ou do curso de Bacharelado em Turismo da UFPel), mas ainda mantendo as suas peculiaridades arquitetônicas e seus objetos. O Mercado Público, o Museu da Baronesa, o Teatro Guarani, as Charqueadas às margens do Arroio Pelotas, os chafarizes do Calçadão e da Praça principal são outros locais, com intenso passado histórico, que montam a paisagem na cidade atual, estando muitas delas revitalizadas. Infelizmente, também existem outros elementos, como a Caixa d'Água – localizada na Praça Piratinino de Almeida, defronte à Santa Casa de Misericórdia; o Castelo João Simões Lopes Neto – no Bairro Simões Lopes; e a Estação Férrea de Pelotas, que estão negligenciadas no momento deste trabalho, ainda sem perspectiva de serem reparadas, estando com claros sinais de depredação e de desgaste.

Pelotas tem com a abolição da escravatura e a implantação de uma nova dinâmica na relação de trabalho, o declínio da indústria saladeiril a partir de 1890, a pecuária no Rio Grande do Sul durante este período enfrenta várias crises, acentuada mais a frente com a eclosão da primeira guerra mundial, que teve repercussões na produção e no comércio de carnes.

Tendo a diminuição na produção do charque, algumas indústrias saladeiril fecham e obrigam a cidade a passar por uma transformação econômica. O Brasil como um todo passa por uma transformação econômica, e Pelotas buscará ocupar seu espaço e seu desenvolvimento econômico.

Pelotas, como destaque da região em desenvolvimento atrai um contingente populacional maior, intensificada com o êxodo rural e a migração de cidades menores. São fatores que fazem gerar maiores expectativas no desenvolvimento de outras atividades dentro do comércio e serviços. Com a diversificação industrial surgida no período, surge uma conseqüente modificação espacial propiciando o aparecimento de um comércio forte e variado, fornecendo gêneros para toda a região, surge também um setor de prestação de serviços, que se tornaria mais tarde uma especialização funcional da cidade.

Pelotas na atualidade: deficiências e potencialidades

As atividades econômicas do município estão mais focadas no Setor Terciário, no qual há a participação da maioria da População Economicamente Ativa (PEA) e há a geração de grande parte do Produto Interno Bruto (PIB) do município. Destaca-se as atividades comerciais, dinamicamente desenvolvidas nas áreas centrais da cidade, destacando-se os seus “Calçadões”, trechos de ruas totalmente interrompidas para o fluxo de automóveis, onde as pessoas circulam por entre estas vias para ora deslocar-se, ora dirigir-se às lojas existentes ao longo destes. Os “Calçadões” estão presentes nas ruas Quinze de Novembro, Andrade Neves e Sete de Setembro.

Mas também há considerável participação do Setor Secundário, especialmente nos ramos de indústria de conservas e de produtos pastoris, como a COSULATI – Cooperativa Sul-Rio-Grandense de Laticínios Ltda. – especializada no beneficiamento de produtos pecuários, sobretudo no tratamento de leite e produção de seus derivados, além da comercialização de frangos para consumo. No Setor Primário, com forte presença da produção do arroz, gerada nas áreas mais baixas do município, nas margens da Laguna dos Patos, de pêssego e aspargo, já desenvolvidos nas “partes altas” do município, na zona colonial.

No Setor Secundário, mesmo com uma significativa participação geral na economia da cidade, observa-se as maiores deficiências. Há a evasão de investimentos no setor industrial no município, perdendo sua posição de destaque a partir da década de 1950, quando o setor começou sua decadência devido a situações conjunturais nacionais e internacionais. Os planos econômicos nas décadas de 1980 e 1990; as crises econômicas sucessivas, aliadas à forte dependência externa brasileira a organismos financeiros internacionais (FMI e Banco Mundial); o cancelamento de benefícios fiscais aos maiores estabelecimentos, que se deslocam para outros lugares e a defasagem dos instrumentos de produção de algumas indústrias contribuíram para que este processo ocorresse.

De diversificado e dinâmico, a atividade industrial pelotense passou, atualmente, a estar restrita à indústria alimentícia, representada em grande parte por empreendimentos de pequeno e

médio porte. A queda do setor industrial em Pelotas reflete-se na cidade e em suas paisagens. A “Zona do Porto”, área em que o desenvolvimento econômico foi predominante, nos últimos anos tem estado em crítico estado de abandono. Vieira relata sobre esta realidade recente:

A partir do canal São Gonçalo, no extremo sul da cidade, está situada uma zona de porto. No bairro do Porto propriamente dito e no próprio porto que lhe empresta o nome, observa-se uma cidade em ruínas. Grandes construções abandonadas, instalações gigantescas caindo aos pedaços. É assim no Frigorífico Anglo, no Moinhos Pelotense, nas Massas Cotada, entre tantas outras instalações que no passado abrigavam a opulência de Pelotas. A visão da paisagem é quase desoladora, um típico cenário surrealista onde a destruição convive com a nostalgia e o abandono. As instalações do porto totalmente entregues à destruição, guardando no cais vazio não se sabe que esperança. Não há embarcações, não há cargas, não há gente. Tudo se foi. Os trilhos são quase imperceptíveis em meio ao pasto. O porto é desolação e destruição. (VIEIRA, 2005, p.138)

Neste último decênio, nota-se um processo de revalorização deste espaço geográfico na Zona do Porto, com a implantação dos centros educacionais da UFPel em antigas áreas de ocupação econômica, como o Instituto de Ciências Humanas (ICH), atualmente estabelecido em um prédio que, outrora, funcionava uma fábrica de beneficiamento de lãs (COSULÃ), e o novo “Campus Porto”, implementado recentemente nas dependências do antigo e famigerado Frigorífico Anglo, grande estabelecimento industrial que foi desativado nos fins da década de 1980. Juntamente com o novo Campus, planeja-se a construção de um shopping-center, às margens do Canal de São Gonçalo

Ainda assim, percebe-se que a negligência pública a esta “Zona do Porto” persiste, em que prédios abandonados convivem com as condições precárias de vida de muitos de seus residentes. A miséria e a exclusão social fazem parte da paisagem urbana em Pelotas, constituindo em uma outra deficiência séria nesta cidade, com difíceis soluções de curto prazo para amenizar suas conseqüências. Voltando aos ensinamentos de Vieira, em relação à região do Porto e seus arredores (Zona da Balsa, Localidade da Várzea, margens do Canal de São Gonçalo), o autor destaca sobre esse assunto:

É impossível passar despercebido, sem notar no Porto e seus contatos com a várzea as instalações miseráveis da periferia. Pelotas não é só bucólica, pobreza é pobreza em qualquer canto. Os casebres amontoados ao longo da via férrea, que parecia ser o limite máximo antes da várzea, já são ultrapassados por outros casebres mais paupérrimos ainda, que está dentro do banhado. A miséria se incorpora à paisagem. (VIEIRA, 2005, p.139)

Como potencialidades, podemos mencionar o crescimento da silvicultura, com o reflorestamento para produção de papel e celulose, que tem sido uma atividade econômica emergente em toda a região. Com o anúncio da instalação da Votorantim na instalação de sua fábrica em um dos municípios da “Zona Sul” Gaúcha, estando os municípios de Arroio Grande e de Rio Grande entre os concorrentes para a aquisição deste gigantesco projeto.

Defende-se que a implantação de eucaliptos em vastas áreas, e da indústria de papel e celulose correspondente, proverá um grande desenvolvimento econômico para todos os envolvidos, com a geração de emprego e de salário e o enriquecimento dos municípios. Como argumento, lança-se os resultados econômicos para Capão do Leão, município distante cerca de 20km de Pelotas e ex-distrito deste, onde a atividade silvicultora trouxe grandes provimentos, como o aumento de arrecadação de ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) na receita total deste.

Entretanto, existem polêmicas com relação a este projeto, com muitos condenando o projeto da silvicultura como um todo. Dentre os problemas que esta atividade provocaria, estaria a degradação sócio-ambiental que seria causada pelas plantações monocultoras de eucaliptos e pela cadeia produtiva da fábrica, que, segundo ambientalistas, lança na atmosfera enormes cargas de poluentes químicos. Além disso, devido ao seu imenso avanço técnico em seus processos de produção, denuncia-se que o pólo de celulose não geraria tantos empregos quanto se é anunciado pelos veículos de mídia, sendo estes já destinados para os de maior qualificação profissional, não sendo a mão-de-obra da própria localidade, mas oriunda de outros locais com condições de prover

estas qualificações necessárias, em detrimento dos residentes do lugar de instalação da fábrica.

Com aspectos positivos e negativos, com todas as discussões presentes nesta questão, o fato é que a silvicultura – com plantações de eucaliptos e pólos de papel e celulose -, está fazendo-se cada vez presente na cidade de Pelotas, ainda que de modo indireto. A Votorantim está atuante em investimentos realizados em vários setores, tanto políticos – com o financiamento de campanha de alguns candidatos a cargos públicos -, quanto infra-estruturais e culturais – inclusive, no próprio meio universitário, com os vínculos de faculdades e seus projetos com as ações desta empresa.

O município vem se firmando, também, por sua vocação como pólo educacional, no setor de ensino superior, contando com cinco instituições: Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Faculdades Anhangüera, Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (CEFET-RS) e Faculdades de Tecnologia Senac-RS (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). Além do ensino superior, Pelotas também desponta como um dos principais locais de fornecimento de cursos de ensino técnico profissionalizante, ministrados principalmente pelo CEFET-RS, com uma grande variedade de cursos desta natureza. Todos os anos, milhares de estudantes vêm à cidade, oriundos ora de outras áreas do Rio Grande do Sul, ora de outros locais dos demais estados brasileiros.

O número de profissionais formados e egressos destes educandários é uma constante, com grande capacidade para a sua inserção no mercado de trabalho. Para Pelotas, esta população migrante movimentava a economia, através do consumo de produtos e serviços locais, gerados principalmente pelo comércio citadino, que apresenta grande faturamento com tais movimentos, em seus mercados, bares, restaurantes, entre outros.

Entretanto, a deficiência no setor industrial, e até nos próprios ramos em que Pelotas tem maior destaque econômico, fazem com que haja uma “fuga de cérebros” de muitos destes estudantes, uma vez concluído os seus estudos, ficando um número bastante restrito de profissionais qualificados residindo e trabalhando na cidade. E entre os que ficam ora trabalham em outras atividades que não aquela em que se especializaram, ora trabalham naquilo que estudaram, mas sem a valorização adequada que poderiam receber, em termos salariais e de ocupação.

Por fim, existe o “turismo rural” que, embora não seja um investimento feito na prática, pode surgir como uma possibilidade renda para a economia local, com a geração de empregos e renda aos trabalhadores. Além do tratamento com o patrimônio histórico e cultural predominante, existem outras atrações consideráveis no interior do município que não devem ser menosprezados pelo poder público, e que dão valorização a estes espaços configurados.

Na Colônia Maciel, localizado atualmente no 8º Distrito de Pelotas, destaca-se o “Museu Etnográfico da Colônia Maciel”, espaço cultural que retrata a colonização italiana no município de Pelotas. Desenvolvido pelo Laboratório de Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ), curso de História da Universidade Federal de Pelotas e inaugurado em 04 de junho de 2006, visa resgatar a história desta sociedade e sua contribuição para a formação do espaço pelotense, através de evidências que expõem esta importância (como fotos, artefatos, instrumentos, fotografias, relatos de história oral etc.). O Museu Etnográfico está montado em um prédio em que funcionava uma antiga escola, a Garibaldi, e está aberta à visitação pública, de terças aos domingos, ao turno da tarde, devendo antes fazer um agendamento para sua entrada.

Ainda na Colônia Maciel, encontramos interessantes atrativos, como a propriedade da Família Camelato, que se sobressai pela produção de vinhos coloniais, de licores e doces, com a degustação e comercialização destes produtos. Também nesta localidade, há a formação de uma cachoeira, podendo as pessoas visitarem esta paisagem natural percorrendo uma trilha em meio à mata nativa. Por fim, tem-se na Colônia Maciel o antigo túnel do trem, que ligava Pelotas a Canguçu em tempos anteriores. Atualmente, este túnel ferroviário está em processo de degradação, não sendo aconselhável aos visitantes percorrem o seu interior, como medida de segurança.

Em relação às atrações naturais existentes dentro do município, destacamos a presença de cachoeiras no Escudo Sul-Rio-Grandense. Dentre estas formações, considera-se a Cachoeira do Arco-Íris, distrito de Rincão da Cruz; a Cachoeira do Paraíso, situado no distrito do Monte Bonito; e a Cachoeira do Imigrante, localizado na Colônia Maciel, na propriedade do Sr. João Bento Schiavon, também conhecido por sua produção de vinhos.

Ainda em relação à valorização às feições naturais, trilhas ecológicas surgem nesta colônia municipal, como a Trilha Jardim, no distrito de Quilombo, onde os visitantes podem entrar em contato direto com belas paisagens por meio de trilhas ecológicas, como jardins e cachoeiras. Quanto a pousadas e campings, Pelotas também conta com uma significativa oferta de serviços, sendo alguns destes bastante conhecidos da população, como o Recanto dos Coswig, localizado no 10º Distrito da Colônia Progresso (a 33km de distância do Centro da cidade pelotense); a Pousada do Moinho, no distrito da Cascata; a Pousada do Monte, no Monte Bonito; o Sítio e Pousada Águas Claras, sito também no Monte Bonito (de propriedade da Família Chies); e o Sítio Panamar, neste mesmo distrito. Existem outros tantos locais para visitação ao público, mas que o espaço deste trabalho não permite maiores detalhes sobre os mesmos, cabendo apenas algumas informações sobre as principais atrações turísticas deste município.

Como passeio turístico, que, embora não seja explorado como atração oficial em Pelotas, podemos citar como um bom potencial são as viagens hídricas, a partir do Cais do Porto ou do Clube de Veleiros Saldanha da Gama, pelo Canal de São Gonçalo e Arroio Pelotas, como maneira prática de conhecimento sobre as formações biogeográficas e geomorfológicas de áreas, como o Laranjal, lugares por onde estes passeios passam. No Arroio Pelotas, pode-se vislumbrar as antigas charqueadas construídas em suas margens, como a Charqueada da Graça, Santa Rita, São João e da Costa. A realização desta viagem implica em uma verdadeira “viagem ao tempo” em que as charqueadas eram hegemônicas na produção do espaço geográfico pelotense.

Considerações Finais

Como em todo espaço geográfico construído pelas ações humanas, em sintonia com as feições da natureza, a cidade de Pelotas demonstra-se dinâmica ao longo de sua evolução urbana, desde a sua inicial configuração até a atualidade. Vários processos espaciais têm sido contínuos durante toda a sua existência. Com relação ao seu surgimento, Pelotas nasce dentro do contexto das disputas territoriais entre Portugal e Espanha, com anseios de vir a conquistar e ocupar a região do “Rio da Prata”. De um lado, percebe-se os espanhóis vindo a oeste, destacando-se neste os jesuítas, com os índios catequizados construído as Missões, e os portugueses a leste, com os bandeirantes paulistas perfazendo o caminho do litoral.

Esta disputa bélica para a aquisição de territórios está intrinsecamente ligada com a criação de fortes militares e de núcleos de povoamento, além da distribuição de sesmarias para aqueles com atuação destacada nos conflitos, como o Coronel Thomaz Luiz Osório, que lhe fora cedida o “Rincão das Pelotas”, onde posteriormente Pelotas se constituirá. A expansão das vacarias de gado bovino é o que influencia o processo de busca de territórios nesta porção da América do Sul, já estabelecendo as bases futuras para a configuração atual das cidades da “metade sul” gaúcha e de “fronteira”, pautadas na produção pecuária e alicerçadas na grande propriedade privada (latifúndio), originadas na distribuição de grandes sesmarias, na formação de estâncias de extensões enormes.

É justamente pelo gado bovino que Pelotas, enquanto núcleo urbano, irá as poucos se constituir, iniciando este processo em 1780, com a vinda do cearense José Pinto Martins, que estabelece uma charqueada às margens do Arroio Pelotas, aproveitando a matéria-prima e as condições favoráveis para o escoamento da produção no local. Devido a este sucesso, outros empreendimentos vão surgindo ao longo das marginais dos cursos principais, como o Canal de São Gonçalo e o Arroio Santa Bárbara, além do próprio Arroio Pelotas.

Isto ocorre no ano de 1812, com a criação da Freguesia de São Francisco de Paulo, com autonomia religiosa em relação à Vila de Rio Grande. Contando inicialmente com 2.419 habitantes, a organização espacial dá-se em um lote doado por Antônio dos Anjos, onde há o feitio de dezenove ruas – doze longitudinais e sete transversais. Estas ruas darão origem à cidade, sendo formadas na parte elevada (terraço) entre os Arroios Santa Bárbara e Pelotas. Em 1830, a Freguesia é elevada a Vila, passando também por um processo de expansão rumo ao sul, às proximidades do Canal de São Gonçalo, nos lotes de Dona Mariana Eufrásia da Silveira, e, em 1835, finalmente é promovida à cidade, independente de Rio Grande, com o nome oficial de Pelotas.

O desenvolvimento de Pelotas está atrelado ao funcionamento das charqueadas, que geram riquezas à cidade e formam uma rica aristocracia que constrói suas residências ao redor da Praça

Coronel Pedro Osório (preservadas até hoje e tombadas como Patrimônio Cultural) e estabelece um forte vínculo cultural com o continente europeu, através da adoção das normas de etiqueta e da aquisição de artigos de luxo, utilizados por esta elite.

A era do charque dura por todo o século XIX, decaindo e extinguindo-se na década de 1940. Neste contexto, a economia pelotense entra em um novo processo dinâmico, repercutindo espacialmente na cidade, com o estabelecimento de indústrias, em grande parte aproveitando os produtos pecuários (frigoríficos, curtumes, fábricas de sabão e velas) e de demais matérias-primas agrícolas (moinhos, fábricas de tecidos, cervejarias, entre outros). A população da cidade de Pelotas como um todo continua num crescendo, refletindo isso na expansão urbana, pela periferia ora a leste (Areal), ora ao norte (Três Vendas), ora ao sul (Fragata).

A partir da década de 1950, outro processo sócio-econômico provoca profundas transformações em Pelotas, com o advento do comércio e dos serviços, que darão a maior parte da sustentação econômica da cidade, ao passo em que a indústria local começa seu processo de decadência devido a conjunturas tanto próprias, quanto nacionais. O comércio passa a ser desenvolvido fortemente nos “Calçadões” do Centro da cidade, juntamente com o setor turístico, com a existência dos casarões ao redor da Praça Coronel Pedro Osório, e de demais construções do século XIX, montadas no auge do ciclo do charque em Pelotas, que constituem o seu patrimônio patrimonial.

Ainda temos as potencialidades que a cidade apresenta que já vêm sendo desenvolvidas, como o projeto de silvicultura e das indústrias de pólo de celulose, empreendidas pela Votorantim na “Zona Sul” do Estado que, apesar das polêmicas envolvendo os seus pontos negativos ao espaço geográfico, é um setor que se faz cada vez mais presente em várias áreas sócio-econômicas da cidade. O pólo educacional presente na cidade, com o funcionamento de universidades (UFPel e UCPel), de faculdades e demais institutos de ensino superior (Anhangüera, CEFET-RS e SENAC) e de cursos técnico-profissionalizantes (CEFET-RS) fornece divisas para a cidade como um todo, quando há consumo, por parte dos estudantes, de mercadorias e serviços gerados localmente, e oferece oportunidades que não são suprimidas pela cidade, tendo os seus egressos, em grande parte dos casos, sair para outras cidades que ofereçam postos de trabalho.

Também, como possibilidades econômicas, podemos destacar o turismo rural, com visitas às trilhas ecológicas existentes em meio a natas nativas, ao Museu Etnográfico da Colônia Maciel, que retrata a história da colonização italiana no município, e aos estabelecimentos vitivinicultores. O passeio pelos cursos hídricos no Canal de Santa Bárbara e Arroio Pelotas, retratando a história da formação de Pelotas através das charqueadas, expõe-se como alternativa para o desenvolvimento econômico da cidade, com grandes potenciais a serem explorados.

Pode-se considerar que Pelotas não esteve estancada ao longo do tempo, estando modificando sua dinâmica na medida em que os acontecimentos, em escalas nacional e internacional, ocorrem, mas que os elementos do passado (como os casarões e as antigas charqueadas) ainda persistem, expressando suas antigas funcionalidades e sendo suporte para novas funções que os homens lhes dão. Pelotas apresenta um espaço geográfico que lhe é peculiar, com história e geografia próprias, mas que está intrinsecamente relacionada com outros locais, em suas origens marcadas por conflitos entre portugueses e espanhóis há alguns séculos. E, na atualidade, com os constantes fluxos entre pessoas, mercadorias e serviços.

Bibliografia

ARRIADA, E. **Pelotas: gênese e desenvolvimento urbano (1780-1835)**. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

GUTIERREZ, E. J. B. **Negros, Charqueadas e Olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. Pelotas: Ed. UFPEL, 2001.

MAGALHÃES, M. O. **História do Rio Grande do Sul (1626-1930)**. Pelotas: Armazém Literário, 2002.

_____. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul:** um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Livraria Mundial/Ed.UFPel, 1993.

_____. **Os passeios da Cidade Antiga:** Guia histórico das ruas de Pelotas. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul.** 4^a. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. Série Revisão 1.

ROSA, M. **Geografia de Pelotas.** Pelotas: Ed.UFPel, 1985.

VIEIRA, S. G. **A Cidade Fragmentada:** o planejamento e a segregação social do Espaço Urbano em Pelotas. Pelotas: Ed.UFPel, 2005.

Referências WEB

GASSETUR – Grupo Associativo de Empreendedores em Turismo Rural. <<http://www.pelotacolonial.com.br>>. Acesso em 28 out. 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 28 out. 2008.

Pelotas – Patrimônio Cultural do RS. <<http://www.ufpel.tche.br/pelotas/colonia.html>>. Acesso em 27 out. 2008.

Prefeitura Municipal de Pelotas. <<http://www.pelotas.rs.gov.br>>. Acesso em 28 out. 2008.

RS Virtual – O Rio Grande do Sul na Internet. <<http://www.riogrande.com.br>>. Acesso em 28 out. 2008.